

FATOS E NOTAS

OS ESPIRITUAIS DO MIDI DA FRANÇA. (Fins do século XIII e início do século XIV). (Fanjeaux, 8 a 11 de julho de 1974).

NACHMAN FALBEL

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Sob a presidência do Prof. Georges Duby, do Colégio de França, reuniu-se um grupo representativo de estudiosos sobre a tão debatida e nunca esgotada questão dos Espirituais na Ordem Franciscana. O apaixonante problema histórico tem ocupado medievalistas ligados à história eclesiástica desde os fins do século passado até aos nossos dias.

Já no número 98 da *Revista de História* o Prof. Eurípedes Simões de Paula havia informado sobre a realização do importante encontro, publicando o seu temário de comunicações. Agora, recebemos de David Flood orientador do Olivi Circle e um dos participantes do encontro, um resumo das teses apresentadas e das discussões havidas em cada um dos temas em questão. Por se tratar de material de interesse para os estudiosos da área, passamos a transcrever de modo bastante resumido o seu conteúdo, sem mesmo poder fazer referência a todas as comunicações.

A primeira, a de Jacques Paul, tratou do precursor dos Espirituais, Hugo de Digne, construindo sua imagem na informação fornecida por Joinville (*Histoire de Saint Louis*, CXXXII) e por Salimbene de Adam na sua conhecida *Crônica*. Jacques Paul examina a posição de Hugo fazendo referência ao texto do comentário da Regra escrita por este franciscano após 1245 (o comentário que fez foi sobre a Regra que São Francisco escreveu em 1223 e que foi aprovada como Regra da Ordem pelo papa Honório III). Jacques Paul deduz em seu estudo que Hugo de Digne não pertencia nem aos Espirituais e não tão pouco aos conventuais, mas que se encontrava em uma posição mediana, que estava longe de ser a dos amigos próximos a São

Francisco. Pela amizade de Hugo com Adam Marsh e Roberto Grosseteste, pode-se também encontrar uma semelhança de posições que poder-se-ia definir como uma aspiração de reforma ortodoxa da Igreja. Na discussão, David Flood observou que Jacques Paul destacou exageradamente a separação de Hugo de Digne dos primeiros anos da Ordem.

Outra apresentação importante foi feita pelo renomado estudioso Raoul Manselli com o título de "O ideal espiritual segundo Pedro João Olivi". De acordo com Manselli, Olivi encontrou dificuldades na Ordem devido ao fato de pregar um estilo de vida e um modo de pensar que chocava a comunidade. Como documento demonstrativo, Manselli escolheu a carta que Olivi enviou aos filhos de Carlos de Anjou em 18 de maio de 1295. Nesta carta Olivi destaca a idéia que a história progride através do sofrimento, o que também serve de tema para a sua *Lectura in Apocalipsim* que Manselli tinha estudado a alguns anos atrás e que se tornou indispensável para a consulta dos pesquisadores da história dos Espirituais. Olivi não se apresenta como um dissidente, mas como o cabeça daqueles homens espirituais que se voltam contra a pesada Igreja dos prelados. Manselli vê o "espiritualismo" de Olivi como uma posição de idéias e uma concepção do Cristianismo, que não visa nenhum grupo organizado ou um partido, mas que deve ser parte da dura vocação dos frades. David Flood se manifestou durante a discussão apresentando um ponto de vista já expresso em seus trabalhos, dizendo que a palavra *espiritual* pode ser aplicada para designar um grupo do século XIV ou ainda definir um fenômeno ligado ao século XIII e que a polêmica foi desencadeada em relação a este último uso da palavra. Sua opinião é de que o termo neste sentido designava uma qualidade. Outro aspecto da intervenção de Flood consistiu na sua tentativa de diminuir a distância entre a atitude de Olivi e a orientação do ministro geral da Ordem naquele tempo, ou seja São Boaventura. Manselli argumentou em contrário, apoiando-se na narrativa de Ângelo Clareno na *Historia Septem Tribulationum*.

A exposição de David Flood que teve por título "A apresentação da Regra por Pedro João Olivi" apoiou-se no comentário à Regra do espiritual da Provença, na *Lectura in Apocalipsim* e em duas inéditas *Quaestiones de Perfectione Evangelica*, uma tratando da obediência, e outra sobre o voto da dispensa. O expositor sintetiza três idéias básicas no pensamento de Olivi, isto é, o caráter evangélico da Regra, a continuidade histórica da Ordem e a manutenção do papel que lhe foi designado pelo fundador, e a exigência de que a Ordem viva submetida à Igreja. Sobre estes três fundamentos se assenta a força de todo viver cristão que tem por mediadora a Igreja, responsável pela realização da missão salvadora do Cristo. Assim, Olivi confirma a certeza institucional e a eficácia histórica na aceitação prática da Regra.

Y. Congar manifestou-se no congresso sobre a eclesiologia de Olivi e procurou estabelecer que a concepção de Igreja carnal em Olivi tinha raízes agostinianas. Durante a discussão sobre o tema, Raoul Manselli destacou a importância dos escritos menores de Olivi para o estudo de sua atividade e influência.

A historiadora Lúcia von Auw tornou a levantar aspectos biográficos de Ângelo Clareno e analisou sua numerosa correspondência que abarca um período extenso, desde 1312 até a sua morte, parte dela já publicada por F. Ehrle no *Archiv für Literatur und Kirchengeschichte* no fim do século passado. Clareno escrevia aos seus amigos na Itália e duas coleções de sua correspondência são conhecidas: uma em italiano (34 peças), outra em latim (84 peças). Em uma delas dirigida a Roberto de Mileto ele se refere a Olivi como tendo recebido de Cristo o espírito de São Francisco para reformar a Ordem.

C. Davis encarregado do tema “João XXII e os Espirituais” destacou mais as relações entre João e Ubertino de Casale. João XXII que era adepto da disciplina eclesiástica em todas as circunstâncias, não admitia as excentricidades dos Espirituais e ao mesmo tempo seu senso prático via como impossível a pobreza absoluta. Davis descreve o papel de Ubertino de Casale no debate de Narbonne em 1321 e a sua concepção de *usus pauper*. Durante a discussão foi levantada a questão das relações entre a população urbana de Narbonne e Béliers e os Espirituais.

F. R. Durieux faz referência a região entre Carcassonne e Toulouse (cerca de Castelnau) como determinando os limites da geografia dos Espirituais, mostrando que para além dela a oposição a eles era predominante.

C. Carozzi tratou do tema “O problema feminino, as Beguinhas”, examinando o texto de uma *Vita* de Doucelina (1294), escrita em provençal, aproximadamente entre 1310-1320. Raoul Manselli em uma intervenção observou que os *Humiliati* e as *Beguinhas* começaram ambos tendo entre seus associados casados e também crianças e, gradualmente, foi se tornando mais simples e menos pobre.

Pierre Peano desenvolveu uma rica exposição sobre o tema “Ministros provinciais de Provença e os Espirituais”, começando com João Bonelli que fundou a província em 1217 e enumerando os ministros durante o papado de João XXII referindo-se constantemente às suas atitudes em relação aos Espirituais. Desde o início até 1280 os Espirituais receberam o apoio dos ministros provinciais, mas os problemas começaram a surgir a partir de 1282, quando os ministros provinciais que ascenderam à função e se puseram contra os Espirituais e em particular contra Olivi, fazendo com que o conflito ultrapassasse

os limites da província para atingir várias regiões nos inícios do século XIV. A ampliação do conflito durante o concílio de Viena, onde se confrontaram a comunidade e os Espirituais da Provença, juntamente com os seguidores de Ubertino de Casale. Intensificou o debate sobre o verdadeiro modo de vida dos franciscanos e as questões implícitas neste problema central. O choque e o confronto entre as partes perdurou muito tempo após o concílio de Viena.

Peano também indaga porque o apêio dado aos Espirituais cessa a partir de 1280. Raimundo de Fronsac acusa a Olivi de ser o culpado de tal situação, mas Ubertino de Casale, o líder dos Espirituais da Toscana, culpa a Arnaud de Roquefeuille, ministro de Provença que começou a exercer sua função em 1282-3. A situação a partir desta data passa a ser grave e turbulenta, a ponto do capítulo de Estrasburgo chamar a atenção dos frades para a manifestação de opiniões perigosas e contrárias ao espírito da Ordem. A repressão contra Olivi e seus escritos passa a ser cada vez mais forte e, em 1285, Arnaud após ter levado a 35 frades a assinar um *consilium* contra Olivi, o submete ao capítulo geral de Milão, que obriga a retirada de circulação dos escritos de Olivi, agora sujeitos ao exame do ministro geral. Arlotto de Prato que tinha certa atitude de tolerância para com os Espirituais veio a falecer pouco depois de assumir a função de ministro. Mateus de Aquasparta, provavelmente, enviou Olivi a Florença (1287) para tira-lo das mãos de Arnaud e afasta-lo também de seus seguidores. Com o generalato de Raimundo Gaufridi houve uma melhora nas relações com os Espirituais, e Olivi foi convidado a retornar a Montpellier como *lector*. A agitação durante sua estadia em Montpellier se espalhou atingindo mesmo a Ordem Terceira, fazendo com que o papa Nicolau IV ordenasse uma intervenção inquisitorial. O resultado foi que 29 frades foram apontados pelo inquisidor, não se encontrando o nome de Olivi entre eles. Em 1297, Arnaud de Roquefeuille voltou a ser ministro provincial enquanto que João Minio de Morrovalle, que não demonstrava simpatias pelos Espirituais, foi indicado como ministro geral da Ordem. Nesse interim Olivi morre em 1298, mas sem que o conflito terminasse com a sua morte.

Um debate sobre o conceito de Espiritual moderado seguiu-se a exposição de Peano, por este o ter empregado em uma resposta que não satisfizesse a R. Manselli, que exigiu portanto uma melhor definição do termo.

Em continuação ao temário do encontro, Y. Dossat abordou a questão da rivalidade entre franciscanos e dominicanos na Provença e a figura de Bernardo Delicieux.

C. Camproux retratou a mentalidade “espiritual” de Peire Cardenal.

P. Amargier comparou a posição manifestada por Petrarca na polêmica contra a Cúria e o criticismo de João de Roquetallade aos erros da hierarquia eclesiástica.

F. I. Durieux examinou o manuscrito ocitano da Biblioteca Municipal de Assis, chegando a conclusão de que ele seria um catecismo “espiritual” para os frades e beguinos da camada mais simples e iletrada.

Na parte final da semana de estudo Georges Duby levantou várias questões ligadas às diversas exposições, começando com o significado do termo *Midi* sob o ponto de vista histórico-geográfico. Duby em seguida levantou outros aspectos importantes para o conhecimento dos “Espirituais” da região, tais como: o porque de terem recebido o apóio do povo, a possível influência da heresia albigense na criação de uma sensibilidade política e a admiração pela pobreza religiosa, etc. Ele explica o conflito surgido ao redor de Olivi como a tensão natural existente entre o lectorado e a administração da Ordem. De um lado estes últimos se concentravam nos problemas práticos ligados à própria sobrevivência da Ordem na sociedade de então, enquanto que os *lectores Ordinis* como educadores viam a pobreza como a condição necessária para a eficácia pastoral. Nas considerações ao redor da visão de história de Olivi em relação a de Joaquim de Fiore, Olivi representa um passo à frente ao apreciar a relatividade dos acontecimentos, o que não implica necessariamente numa progressão inabalável. Erros e fracassos devem ser tomados em conta como possíveis na história, tais como o fracasso de São Luiz em sua cruzada ou a abdicação de Celestino, “o Papa Angélico”. Talvez consciente do fracasso pessoal como possível, Olivi afirma a necessidade de reparar essas insuficiências, mesmo pelo sofrimento, preparando assim o futuro. O drama de Pedro de Morrone, o papa Celestino V, deve ter deixado uma profunda impressão nas mentes da época e portanto deveria encontrar sua exteriorização.

Para terminarmos este resumo do temário desenvolvido no encontro de Fanjeaux, transcreveremos a opinião de D. Flood, que assim se expressa:

“save for several exceptions, the historians who gathered in Fanjeaux in early July feel themselves very close to the history in which Hugh and Olivi, Douceline and Bernard Délicieux figure. They look in it as local history”.

Talvez o ponto forte da história local tenha sido ao mesmo tempo o ponto debil. Pois, como David Flood já havia insinuado antes, a falta de um cotejo bibliográfico com a literatura histórica alem das fronteiras da França, ou seja a inglesa e a alemã, que de longa data

vem tratando dos “Espirituais”, pode ter prejudicado os expositores em sua própria visão das questões abordadas. Mas este seria um mal que pode ser considerado pequeno, frente a um temário tão ricamente desenvolvido por estes estudiosos da história franciscana.